

As Ciências Ocultas - Curso Gilead



Um Mergulho Histórico na *Philosophia Naturalis*

Filosofia natural, ou filosofia da natureza (do latim *philosophia naturalis*) é o estudo filosófico da física, isto é, da natureza e do universo físico. Era dominante antes do desenvolvimento da ciência moderna.

Do mundo antigo (pelo menos desde Aristóteles) até o século 19, filosofia natural era o termo comum para o estudo da física (natureza), um termo amplo que incluía botânica, zoologia, antropologia e química, bem como o que hoje chamamos de física.

Foram fundadas instituições e comunidades dedicadas à ciência. O livro de Isaac Newton *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica* (1687) (Inglês: *Mathematical Principles of Natural Philosophy*) reflete o uso do termo filosofia natural no século 17. Ainda no século 19, a obra que ajudou a definir grande parte da física moderna levou o título de *Tratado de Filosofia Natural* (1867).

Foram fundadas instituições e comunidades dedicadas à ciência. O livro de Isaac Newton *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica* (1687) (Inglês: *Mathematical Principles of Natural Philosophy*) reflete o uso do termo filosofia natural no século 17. Ainda no século 19, a obra que ajudou a definir grande parte da física moderna levou o título de *Tratado de Filosofia Natural* (1867).

Na tradição alemã, a *Naturphilosophie* (filosofia da natureza) persistiu nos séculos 18 e 19 como uma tentativa de alcançar uma unidade especulativa da natureza e do espírito, depois de rejeitar a tradição escolástica e substituir a metafísica aristotélica, juntamente com as dos eclesiásticos dogmáticos, pelo racionalismo kantiano.

Alguns dos maiores nomes da filosofia alemã estão associados a esse movimento, incluindo Goethe, Hegel e Schelling. A *Naturphilosophie* era associada ao Romantismo e a uma visão que considerava o mundo natural como uma espécie de organismo gigante, em oposição à abordagem filosófica de figuras como John Locke e outros que defendiam uma filosofia mais mecânica do mundo, considerando-o como sendo como uma máquina.

O termo filosofia natural precedeu o uso atual da ciência natural (isto é, ciência empírica). A ciência empírica desenvolveu-se historicamente a partir da filosofia ou, mais especificamente, da filosofia natural.

A filosofia natural distinguia-se da outra precursora da ciência moderna, a história natural, na medida em que a filosofia natural envolvia raciocínio e explicações sobre a natureza (e, depois de Galileu, raciocínio quantitativo), enquanto a história natural era essencialmente qualitativa e

descritiva.



*Conspice quam faciem Magnus ZABARELLA gerebat;
Ast mentis vultum scripta disertq; notant.*

III, 1.

Nos séculos 14 e 15, a filosofia natural era um dos muitos ramos da filosofia, mas não era um campo de estudo especializado. A primeira pessoa nomeada como especialista em Filosofia Natural per se foi Jacopo Zabarella, na Universidade de Pádua, em 1577.

Os significados modernos dos termos ciência e cientistas datam apenas do século 19. Antes disso, ciência era sinônimo de conhecimento ou estudo, de acordo com sua origem latina.

O termo ganhou seu significado moderno quando a ciência experimental e o método científico se tornaram um ramo de estudo especializado além da filosofia natural, especialmente desde que William Whewell, um filósofo natural da Universidade de Cambridge, propôs o termo "cientista" em 1834 para substituir termos como "cultivadores da ciência" e "filósofo natural".

A partir de meados do século 19, quando se tornou cada vez mais incomum para os cientistas contribuírem tanto para a física quanto para a química, "filosofia natural" passou a significar apenas física, e a palavra ainda é usada nesse sentido em títulos de graduação na Universidade de Oxford e na Universidade de Aberdeen.

Em geral, as cadeiras de Filosofia Natural estabelecidas há muito tempo nas universidades mais antigas são hoje ocupadas principalmente por professores de física. O livro de Isaac Newton *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (1687), cujo título se traduz como "Princípios Matemáticos da Filosofia Natural", reflete o uso então corrente das palavras "filosofia natural", semelhante ao "estudo sistemático da natureza".

Ainda no século 19, um tratado de Lord Kelvin e Peter Guthrie Tait, que ajudou a definir grande parte da física moderna, foi intitulado *Tratado de Filosofia Natural* (1867).

Os filósofos gregos a definiram como a combinação de seres que vivem no universo, ignorando coisas feitas por humanos. A outra definição refere-se à natureza humana.

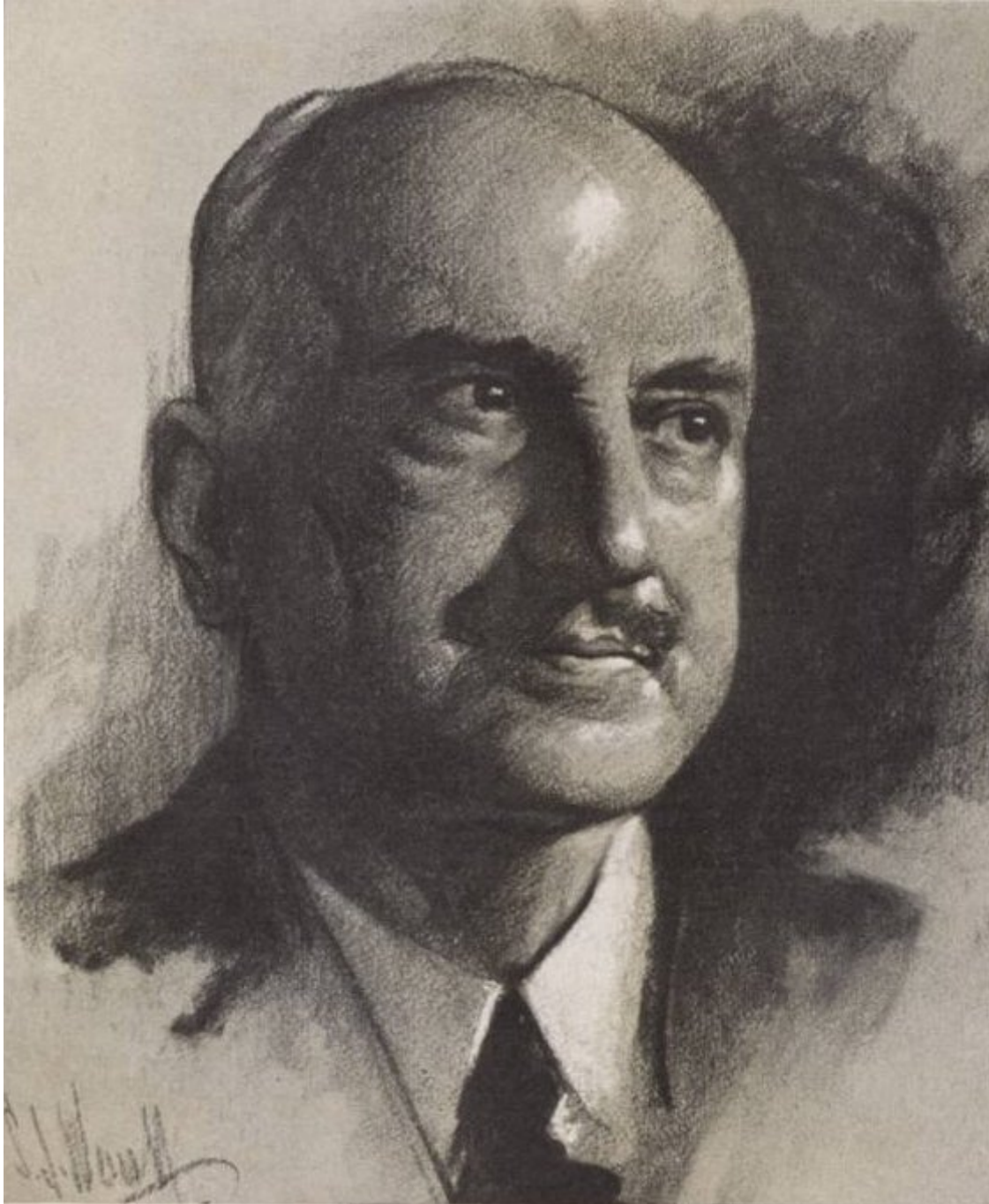
Escopo

No primeiro diálogo conhecido de Platão, Charmides distingue entre ciência ou corpos de conhecimento que produzem um resultado físico e aqueles que não produzem. A filosofia natural tem sido categorizada como um ramo teórico e não prático da filosofia (como a ética).

As ciências que orientam as artes e se baseiam no conhecimento filosófico da natureza podem produzir resultados práticos, mas essas ciências subsidiárias (por exemplo, arquitetura ou medicina) vão além da filosofia natural.

O estudo da filosofia natural procura explorar o cosmos por todos os meios necessários para compreender o universo. Algumas ideias pressupõem que a mudança é uma realidade. Embora isso possa parecer óbvio, houve alguns filósofos que negaram o conceito de

metamorfose, como o antecessor de Platão, Parmênides, e mais tarde o filósofo grego Sexto Empiricus, e talvez alguns filósofos orientais.



George Santayana, em seu *Scepticism and Animal Faith*, tentou mostrar que a realidade da mudança não pode ser provada. Se seu raciocínio é sólido, segue-se que, para ser físico, é preciso conter o ceticismo o suficiente para confiar nos sentidos, ou então confiar no antirrealismo.

O sistema metafísico do dualismo mente-corpo de René Descartes descreve dois tipos de substância: matéria e mente. De acordo com esse sistema, tudo o que é "matéria" é determinista e natural – e por isso pertence à filosofia natural – e tudo o que é "mente" é volitivo e não natural, e está fora do domínio da filosofia da natureza.

Ramos e objeto de análise

Os principais ramos da filosofia natural incluem astronomia e cosmologia, o estudo da natureza em grande escala; etiologia, o estudo de causas (intrínsecas e às vezes extrínsecas); o estudo do acaso, da probabilidade e da aleatoriedade; o estudo dos elementos; o estudo do infinito e do ilimitado (virtual ou real); o estudo da matéria; mecânica, o estudo da tradução do movimento e da mudança; o estudo da natureza ou das diversas fontes de ações; o estudo das qualidades naturais; o estudo das grandezas físicas; o estudo das relações entre entidades físicas; e a filosofia do espaço e do tempo. (Adler, 1993).

História

O envolvimento mental da humanidade com a natureza certamente é anterior à civilização e ao registro da história. O pensamento filosófico, e especificamente não religioso sobre o mundo natural, remonta à Grécia antiga.

Essas linhas de pensamento começaram antes de Sócrates, que passou de seus estudos filosóficos de especulações sobre a natureza para uma consideração do homem, ou seja, a filosofia política.

O pensamento dos primeiros filósofos, como Parmênides, Heráclito e Demócrito, centrava-se no mundo natural. Além disso, três filósofos pré-socráticos que viviam na cidade jônica de Mileto (daí a Escola Milesiana de Filosofia), Tales, Anaximandro e Anaxímenes, tentaram explicar fenômenos naturais sem recorrer a mitos de criação envolvendo os deuses gregos.

Eles eram chamados de *physikoi* ("filósofos naturais") ou, como Aristóteles se referia a eles, de *physiologoi*. Platão seguiu Sócrates concentrando-se no homem. Foi o aluno de Platão, Aristóteles, que, ao basear seu pensamento no mundo natural, devolveu o empirismo ao seu lugar principal, deixando espaço no mundo para o homem.

Martin Heidegger observa que Aristóteles foi o criador da concepção de natureza que prevaleceu na Idade Média até a era moderna:

Física

Física (Aristóteles) é uma aula em que ele procura determinar os seres que surgem por conta própria, τὰ φύσει ὄντα, em relação ao seu ser. A "física" aristotélica é diferente do que entendemos hoje com esta palavra, não apenas na medida em que pertence à antiguidade, enquanto as ciências físicas modernas pertencem à modernidade, mas acima de tudo é diferente em virtude do fato de que a "física" de Aristóteles é filosofia, enquanto a física moderna é uma ciência positiva que pressupõe uma filosofia. Este livro determina a urdidura e o desgaste de todo o pensamento ocidental, mesmo naquele lugar

em que ele, como pensamento moderno, parece pensar em desacordo com o pensamento antigo. Mas a oposição é invariavelmente composta por uma dependência decisiva, e muitas vezes até perigosa. Sem a Física de Aristóteles não teria havido Galileu.

Aristóteles pesquisou o pensamento de seus antecessores e concebeu a natureza de uma forma que traçava um caminho intermediário entre seus excessos.

As formas perfeitas

O mundo de Formas eternas e imutáveis de Platão, imperfeitamente representado na matéria por um Artesão divino, contrasta fortemente com os vários Weltanschauungen mecanicistas, dos quais o atomismo era, pelo menos no século IV, o mais proeminente... Esse debate deveria persistir em todo o mundo antigo. Mecanismo atomístico recebeu um tiro no braço de Epicuro... enquanto os estoicos adotavam uma teleologia divina... A escolha parece simples: ou mostra como um mundo estruturado e regular pode surgir de processos não dirigidos, ou injeta inteligência no sistema. Foi assim que Aristóteles... quando ainda era um jovem acólito de Platão, viu coisas. Cícero... preserva a própria imagem-caverna de Aristóteles: Se os trogloditas fossem trazidos repentinamente para o mundo superior, eles imediatamente suporiam que ele tivesse sido inteligentemente arranjado. Mas Aristóteles abandonou essa visão; embora ele acredite em um ser divino, o Mover Principal não é a causa eficiente da ação no Universo, e não desempenha nenhum papel em construí-lo ou organizá-lo... Mas, embora rejeite o Artífice divino, Aristóteles não recorre a um mecanismo puro de forças aleatórias. Em vez disso, ele procura encontrar um meio termo entre as duas posições, que se baseia fortemente na noção de Natureza, ou physis.

Aristóteles

"O mundo que habitamos é ordenado, no qual as coisas geralmente se comportam de maneiras previsíveis, argumentou Aristóteles, porque todo objeto natural tem uma "natureza" – um atributo (associado principalmente à forma) que faz com que o objeto se comporte de maneira habitual..." Aristóteles recomendou quatro causas como apropriadas para os negócios do filósofo natural, ou físico, "e se ele remeter seus problemas de volta a todas elas, ele atribuirá o 'porquê' da maneira própria de sua ciência - a matéria, a forma, o motor, [e] 'aquilo por causa do qual'". Enquanto os caprichos da causa material estão sujeitos às circunstâncias, a causa formal, eficiente e final muitas vezes coincidem porque, nos tipos naturais, a forma madura e a causa final são uma e a mesma coisa. A capacidade de amadurecer em um espécime de sua espécie é adquirida diretamente da

"fonte primária de movimento", ou seja, do pai, cuja semente (espermatozoide) transmite a natureza essencial (comum à espécie), como uma razão hipotética.

A pergunta que inevitavelmente devemos fazer a nós mesmos é, por que perdemos a relação natural com a ordem e a perfeição do cosmos? E, se a perdemos, como havemos de recuperá-la? A resposta às estas perguntas indicam a necessidade de abandonarmos abordagem da "ciência" convencional, e termos a coragem de adotar uma visão mais complexa da realidade e menos simplista, na tentativa vã de "responder" a todo e qualquer fenômeno natural e deixarmos de nos relacionar a estes fenômenos.

Para saber mais sobre a *Philosophia Naturalis* participe da nossa da egrégora Gilead e busquemos clarificar todo esse paradigma.

Visite o nosso site <https://www.gileadcourse.org/> e saiba mais.